

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Propriedade da Empresa

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua do Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

Redacção e Administração:
Rua do Payo Galvão, 70

DOS
Echos de Guimarães

MANIFESTO MONARCHICO

Na passada semana publicaram os mais conceituados jornaes monarchicos de Lisboa um manifesto assignado pelos seus Directores e pelos snrs. Conselheiros Antonio Cabral e José d'Azevedo e D. Luiz de Castro, que pelas condições em que este semanario se produz não foi possível transcrever no nosso passado numero, e que, já agora, por demasiado conhecido, inutil será reproduzir. Refere-se ás prováveis e proximas eleições de deputados, e preconiza a conveniencia de se não fazerem acordos electoraes sem o Placet da commissão central, signataria do manifesto e delegada do sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas, e sua representante durante a ausencia de S. Ex.ª que, como se sabe, foi a Inglaterra conferenciando com El-rei.

A proposito d'esse manifesto, lia-se poucos dias depois num dos principaes jornaes do Porto, em catta do seu correspondente de Lisboa, os seguintes periodos que não podem passar sem commentario.

«Não falta quem estranhe que no manifesto pelos monarchicos lançado ao paiz não estejam incluídas as assignaturas de varios matechaes, taes como os snrs. Antonio Candido, Pereira de Miranda, Wenceslau de Lima, Moreira Junior, Artur Montenegro, Campos Henriques, Anselmo d'Andrade, Manuel Fratel, Sebastião Telles e poucos mais porque, do antigo estado-maior monarchico, infelizmente, já poucos mais restam. A morte tem-se encarregado de levar todos esses homens que no antigo regimen atingiram, as mais das vezes por direito de conquista, as culminancias do poder.

Pensa-se que a falta d'essas assignaturas significa não o abandono das suas convicções partidárias, mas a creença em que todos esses homens, de tanta evidencia e hoje tão recolhidos, estão de que será talvez impossivel o restabelecimento monarchico em Portugal.

A primeira necessidade dos monarchicos para que a monarchia pudesse voltar seria a existencia d'um rei que reunisse, além d'outras, as condições de interesse pelo paiz, de independencia d'espirito e de bravura pessoal, que são indispensaveis aos reis d'hoje.

Ora, a verdade é que o sr. D. Manuel, por grandes e primorosas que sejam as suas qualidades pessoais, não representa o valor, a sagacidade, a maleabilidade e até a coragem indispensaveis para ser rei num paiz como o nosso. Habitado como está á despreocupação e á commodidade de não ser rei, não falta quem julgue, e talvez com razão, que o sr. D. Manuel prefere o socego d'hoje aos encargos do trono. Pelo menos, nenhum facto palpavel, inconfundivel, tem vindo do antigo rei de Portugal, que nos possa levar ao convencimento de que elle ainda muito pensa no seu paiz. E, por mais que se procure, não se vê, no momento actual, qualquer outro que possa ser rei. O successor de D. Miguel, soberano de Portugal nos tempos

d'hoje, seria um desafio aos principios liberaes do paiz.

Mas, além da dificuldade do rei, outras surgem para o restabelecimento monarchico, a não ser que da guerra actual resultasse — o que bem pouco provavel se nos afigura — uma força tão conservadora que as republicas tivessem prejudicada a sua existencia. Assim, não falta quem attribua a ausencia dos antigos matechaes monarchicos do manifesto hontem publicado ao facto de julgarem sem viabilidade uma restauração e não quererem assumir a responsabilidade perante o paiz de estorvar que antigos correligionarios retardem ou inutilisem a sua acção, com enganadora esperanza, no engrandecimento do paiz, o qual apenas pode prosperar com a união dos portuguezes num só desejo: o da ordem e do trabalho. Julga-se, pois, que o manifesto, aliás assignado, por homens de talento e combate, representa mais o sentir d'uma facção do que o d'um partido: a facção pelejante d'aquelles cujo ardor os annos não esmorecem, e ainda o ardor d'aquelles cuja juventude os faz vibrar d'esperança.

Não vemos na verdade razão para a estranheza que o collega aponta.

Os nomes acima indicados, são na verdade de vultos importantes do antigo regimen, que á causa da Nação deram o melhor do seu talento e da sua energia; mas, na sua maioria aposentaram-se ostensivamente logo apoz o Cinco d'Outubro, julgando finda e sua missão politica.

Cada um se accommodou dentro do novo regimen da maneira que lhe pareceu menos desagradavel e, monarchicos de uma monarchia cujo mais alto Representante, o infeliz e grande Rei, victima da demagogia declarou não os ter, é perfeitamente logica a sua abstenção quando se trate de organizar uma monarchia de monarchicos. Esta monarchia, para ser efficaz, para produzir os resultados que os esforços patrioticos e desinteressados dos seus fundadores têm em vista, terá fatalmente de se organizar de modo que não sejam possiveis... mais Conselheiros.

Portanto S. Ex.ª são perfeitamente coherentes, com os seus principios e com os seus antecedentes, abstendo-se de intervir em negocios que, tudo leva a crer, lhes não interessam, mas d'ahi attribuir-lhes a convicção de que será impossivel o restabelecimento da monarchia em Portugal, vae um abysmo.

S. Ex.ª poderão ser acusados de, no tempo da sua preponderancia nos destinos da Nação, terem anteposto as conveniencias partidárias ás conveniencias da Nação, — mal a que os politicos profissionais são attrictos; mas attribuir a taes homens tal opinião só é licito a quem não tiver cravada intellectual para differenciar um Antonio Candido, por exemplo, de um rodrigues.

Preconisa o correspondente do jornal do Porto como a primeira necessidade aos monarchicos para que seja possivel a restauração, a existencia de um rei valente, de

espirito independente, e que se interesse pelo paiz.

Nunca tivemos a honra de fallar ao sr. D. Manuel, de forma que o conhecimento que das suas qualidades temos é o que até nós chega atravez das versões dos que lhe estão mais proximos; mas não nos parece que a maioria dos que, não sendo monarchicos, tanto se preocupam com a causa monarchica, tenham de S. M. um conhecimento muito mais perfeito; d'ahi não ser facil dar-lhe ou tirar-lhe qualidades conscientemente. Numa coisa no entanto nos pronunciaríamos com desassombro, mesmo quando quizessemos transigir com os que apodam S. M. de fraco, e essa é que, em equaldade de circunstancias aquellas que O fizeram abandonar o seu paiz, nem elles nem nós (que positivamente não cultivamos o medo) procederíamos d'outra maneira.

A mais vulgar honestidade impõe a todos que conheçam as desgraçadas condições em que a sua deposição se deu, um silencio que não precisaria de ser generoso, mas apenas discreto, e principalmente justo.

Não é a rapazes de dezoito annos ou de vinte que se podem exigir responsabilidades e experiencia da vida, ainda quando esse rapaz seja um rei.

Aos vinte annos, rei ou pastor, dá mais pela opinião das cabeças grisalhas dos que o cercam do que pelas suas proprias, substitue de boa vontade a experiencia alheia aos impulsos do seu caracter, mormente quando das suas acções resulta o bem ou o mal dos outros, e mal lhe vae quando assim não é.

Como poderá pois sensurar o sr. D. Manuel por actos que não são positivamente da sua responsabilidade moral quem se admira do desinteresse dos preconizados homens publicos do antigo regimen, acima citados?

Não seria por acaso obra de politicos, exclusivamente de politicos, os antecedentes de 1 de Fevereiro e de 5 d'outubro? E não seria uma consequencia immediata d'elles a fuga de Belem e o embarque da Ericieira?

Não seria o commodismo dos serventuarios do antigo regimen que, em parte, fez fracassar as tentativas de restauração que Piva Couceiro, com mais brio do que fortuna, executou?

Para que serviria num caso d'estes a bravura pessoal do rei se, demais a mais, nem todos os que se bateram contra a ré publica eram seus partidarios?

Que querem estes puritanos que o Rei faça, se nem ao menos os seus declarados partidarios tiveram ainda a coragem de se organizarem em partido, de modo a poder-se saber, na hora propria, com o que se pôde contar, divididos como estão os que não são republicanos em monarchistas, miguelistas, catholicos e oportunistas?

Não falta quem julgue, diz o articulista, que o sr. D. Manoel prefira o socego de que ao presente gosa, ao incommodo de reinar: mas, se assim fosse, quem O impediria de abdicar? Se o não faz, é naturalmente porque se julga necessario á Nação e, nesse caso, como poderá alguém julgar que se desinteresse dos destinos da Patria?

Taes argumentos são argumentos de má fé, sophismas lamentaveis cujos fins facilmente se descobrem e contra os quaes não podemos deixar de protestar.

E' na verdade lamentavel que taes coisas se não escrevam em jornaes retintamente ré publicanos onde teriam natural cabimento, e onde não fariam mal, mas em gazetas que, porque são incolores e portanto vivem do favor de todos, deveriam manter uma linha mais imparcial, para não dizer mais justa.

Com palavras melifluas quer o articulista insinuar numa folha que muitos monarchicos leem, como opinião e sentimento de outros o que não é mais do que uma aspiração sua, ou quando muito de adeptos das negregadas instituições republicanas que ha 7 annos veem desgraçando este paiz; e vem então o estafado argumento da falta de successão directa (como se um casal tivesse praso certo para se reproduzir) e acena com o perigo de a successão recahir no sr. D. Miguel, o que seria um desafio aos principios liberaes do Paiz!!!

Os principios liberaes do Paiz! O que elles são, esses taes principios, viu-se agora com as viagens presidenciaes: por toda a parte se aclama o principio da auctoridade e da ordem, por toda a parte se reclama a liberdade de cultos. No entanto, o articulista põe uma restricção á impossibilidade da restauração, aventando uma hypothese na sua opinião irrealizavel: a de resultar da guerra uma força tão conservadora que as republicas tivessem a sua existencia prejudicada.

Só nessa hypothese lhe parece possivel uma restauração; a de uma nação inteira sacudir o jugo de uma confraria de bandidos que a empobrece e deshonra e ridicularisa, parece-lhe inviavel, visto os antigos matechaes não quererem assumir a responsabilidade perante o paiz de estorvar que os antigos correligionarios retardem ou inutilisem a sua acção com enganadora esperanza no engrandecimento do Paiz.

Ah! descance o illustre articulista, e descance os snrs. Matechaes que ninguém lhes irá pedir essa responsabilidade. Nem essa nem nenhuma, a menos que não queiram pedir-lhe a de não terem querido ou não terem sabido evitar que as peçam agora ao Rei, como, em tempo, outros a pediram ao seu Augusto Paes que o egoismo dos monarchicos, mais do que a cubia dos jacobinos, tão cruelmente sacrificou.

Diz o articulista que se julga que o manifesto apenas representa o sentir de uma facção, e não o de um partido!

Se a leitura dos jornaes de provincia, não fosse coisa indigna de tão alto espirito, recommendar-lh'a-hiamos; assim apenas lhe recommendamos que suspenda as suas angustias até ás eleições: ficará logo sabendo como os monarchicos respondem ao manifesto.

«Diario Nacional»

A proposito da transcripção de um seu excellente artigo com que honramos as columnas do p. passado n.º d'este semanario, faz-

nos este illustre collega a honra de nos dirigir algumas palavras amaveis e a de transcrever aquellas com que o commentavamos, o que todo penhoradamente agradecemos.

Da mesma proveniencia é o brilhante artigo «O Ingresso na Ré publica» que com a devida venia transcrevemos e a que damos o nosso mais vivo applauso, tão fielmente vemos nelle expressas as nossas proprias opiniões.

Dr. Pereira de Souza

A Juventude Conservadora Monarchica, offereceu um banquete na passada quinta-feira ao illustre director de a Patria!, nosso muito querido amigo Dr. Pereira de Souza.

Que foi uma homenagem merecidissima, não é necessario affirmar-lo, porquanto o Dr. Pereira de Souza, ao par de ser hoje um primoroso e combativo jornalista, é, sem contestação, um novo com grandes facultades de trabalho e intelligencia, de quem muito tem a esperar a nossa Causa.

Os Echos de Guimarães, affectuosamente saudam o seu querido amigo, associam-se á justa homenagem e prestam todo o seu apoio ao Dr. Pereira de Souza, que não só honra a Imprensa Portugueza como o nosso Partido, que o deve considerar como um elemento de grande valor e merecido destaque.

Na impossibilidade de termos assistido ao banquete de quinta-feira, telegraphamos ao illustre jornalista e nosso queridissimo amigo, manifestando-lhe o nosso desejo e cumprimentando-o, associando-nos assim á honrosa e significativa homenagem que a Juventude Monarchica Conservadora do Porto lhe prestou.

A CABEÇA REPUBLICAIRA

Recortamos do nosso presado collega «Echos do Minho»:

«A "formiga,, triumpha?»

Desde que o paiz gozava a paz da Revolução, nenhum facto assustara, como hontem vimos assustada, a cidade.

Vieram dizer-nos que os temiveis bandidos que infestaram a cidade foram postos em liberdade, do mesmo modo que já, por mandado do sr. Machado Santos—tinham sido postos em liberdade os chefes dos apaches Bento de Oliveira, e Albino d'Azevedo.

Effectivamente! Em Braga tinha-se recebido este telegramma... espantoso.

Commissario de Policia

Braga

Ordenei pozesse presos em liberdade renovo-lhe a ordem que deve executar com toda a urgencia sem mais explicações.

(a) Ministro do Interior.

Logo que isto se tornou publico, pela sultura dos presos, foi

enviado para Lisboa o seguinte magnifico e incisivo telegramma:

Ex.^{ma} Sr. Ministro do Interior — Lisboa

A familia do alferes Abreu e Mello assassinado infamemente aqui e residente nesta cidade, protesta contra ordem soltura individuos pertencentes á seita do assassino, seita que continuará perturbando a tranquillidade da cidade.

(a) Adriano Silva.

Mas Braga precisava desaffrontar-se.

Assignado pelas auctoridades superiores do districto, muitos officiaes do exercito, e pessoas de elevada posição do nosso meio social, acaba de ser dirigido a Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Republica o seguinte

telegramma de protesto:

Os abaixo assignados, uns que tomaram parte sob as ordens de V. Ex.^a na revolução de Dezembro, outros que aqui a secundaram, applaudiram e inteiramente se tem collocado ao lado de V. Ex.^a na lucta contra a demagogia e contra os ladrões que infamemente roubaram os cofres do Estado, vem pedir a V. Ex.^a em nome dos principios que o levaram ao Parque Eduardo VII e pelos quaes a mocidade portugueza verteu o seu sangue generoso, que cesse a protecção dispensada á quadrilha de malfeitores que durante tantos annos infestou esta nobre cidade. E em nome de todo o povo bracarense, que tão espontaneamente saudou V. Ex.^a como libertador da nossa Patria pedem-lhe tambem que não deixe empanecer neste districto o brilho da Revolução.

Dizem os francezes: Grattez le russe vous trouverez le cosaque.

Nós podemos dizer, semelhantemente: raspae o republicueiro e encontrareis o jacobino.

Pode um homem ser muito bom e muito honesto nos seus propositos que, sendo republicano, no fundo ha de preferir a tudo a canalha, sustentaculo do regimen.

E tal é o caso do sr. Machado Santos na presente conjuntura.

Sentimos ter de o censurar, porque, posto seja o principal causador dos males que ha 7 annos affligem esta infeliz nação, sempre nos mereceu sympathia pela sua sinceridade.

Fundador da ré publica e portanto causador da desgraça publica, nunca, a despeito da aversão que temos pela crapula que tem sido a norma do regimen, se escreveu nesta folha uma palavra desprimorosa para o sr. Machado Santos, antes pelo contrario lhe não regateamos louvores quando no seu jornal verberava os desmaídos da quadrilha, e pugnava pelos direitos dos monarchicos; mas nós louvamos ou vituperamos os homens pelas suas acções e a que o sr. Machado Santos vem de praticar, está longe de merecer outra coisa que não seja a mais acre censura.

Pois quê! Para o sr. Machado Santos tem mais valor uma quadrilha de bandoleiros do que a população honesta de uma cidade que vem de dar as mais claras demonstrações do seu desejo de auxiliar o governo de que o sr. Santos faz parte, na obra patriótica que se impoz!

Não sabe o sr. Santos que o Visconde de Nespereira e o Barão de S. Lázaro, ultimas victimas do bando a quem agora mandou restituir a liberdade, são dois cavalheiros que Braga estima na medida dos grandes meritos e das altas virtudes que os distinguem e que o descauto que soffreram exige condigna reparação?

Não sabe o sr. Santos que ainda se não desvaneceu de toda a mancha que no chão da Arcada poz o sangue do Alferes Abreu? Não saberá o sr. Santos que as echimoses produzidas pelos ca-

vallos marinhos dos sicarios que mandou restituir agora á liberdade, ainda não desapareceram do corpo de José Simões, de Adriano Albino Novaes, de Manoel Mathias de Oliveira, de Manoel Vieira da Costa, de José Esperança, de Rodrigues Bravo, de Silva Bastos, de Delfim Alves, de Antonio Maria da Costa, do guarda nocturno Silva, de Alves d'Azevedo, de Domingos Monteiro, de Almeida Maia, de Jorge Timotheo, do policia Antonio Fernandes, do Padre Julio Barroso, de F. Teixeira Bastos, de Bento da Silva Vieira, e de tantos outros, sem fallar no desgraçado Sotto Mayor cujo suicidio é ainda um mysterio?

Não sabe o sr. Santos que Braga é profundamente monarchica e que, se dá o seu apoio ao sr. Santos é ao ministerio de que faz parte, é precisamente para que a livrem da quadrilha que lhe perturba o somno e a traz em sobresalto?

Não se convence o sr. Santos que no dia em que lhe faltou o apoio que nós monarchicos lhe damos, o sr. Santos voltará talvez para os ferros do sr. presidente Bernardino?

E não repara tambem o sr. Santos que não faz sentido mandar prender o presidente de uma comissão executiva de uma cidade pelo simples facto de substituir na designação de uma rua o nome de um benemerito d'essa cidade ao de um individuo que nessa terra nunca foi conhecido nem de vista, só pelo facto de este ser republicano e aquelle monarchico, e pelo contrario mandar dar a liberdade a quem d'ella abusa criminosamente?

Onde está aqui a Liberdade porque o sr. Santos se bateu ao implantar a ré publica?

Dar-se-ha o caso que o sr. Santos se tivesse batido unicamente para que essa Liberdade nunca faltasse aos bandidos, para enxovalharem as pessoas de bem?

Não foram exactamente os empresarios d'esses bandidos que tiveram o sr. Santos em ferros da ré publica perto de um anno, unicamente por ter pensado em lhes perturbar a digestão do queijo dentro do qual estavam tão commodamente roendo?

Por Deus, sr. Santos, repare no mau caminho que vae andando; olhe que esses assomos autoritarios e impulsivos, nem sempre encontrarão desculpa no habito do mando inherente á sua cathogoria de Almirante.

E certo que quem anda afeito a domar os homens e os elementos á força de coragem e energia adquire, principalmente quando atinge o acume de uma carreira gloriosa, umas brusqueras que lhe imprimem caracter, não ha duvida, mas que são boas apenas para quando se anda no mar, onde só se lida com o ferro, com o fogo, com a agua e com os homens; cá em terra, ha que contar tambem com as mulheres e todos esses cidadãos acima citados, victimas dos canalhas que V. S.^r agora mandou soltar, tem esposas, mães, filhas ou irmãs, que tomam como uma obrigação sagrada alimentar no espirito d'elles o odio a essa coisa que V. S.^r fundou, e que com tanto afan deseja manter contra a vontade tão claramente manifestada da maioria da Nação?

Repare que os homens como V. S.^r só são tomados a serio, quando se remetem a uma bem entendida modestia, e só são tolerados quando se esforçam por não incomodar, e a sua situação, sr. Santos, é tão delicada, que imprudencia é arriscar-se a perder a sympathia que a sua sinceridade lhe tinha grangeado, como imprudencia é dar liberdade a feras que o sr. Sidonio Paes tanto se esforça por domar.

O ingresso na republica

Ao falar da incontestavel necessidade — e nós não diremos só necessidade, mas dever — de prestarem todos os conservadores o seu concurso á patriótica obra anti-demagogica iniciada pela revolução de 5 de dezembro, o sr. dr. Sidonio Paes perguntou a si mesmo: «Como?» — E logo s. ex.^a respondeu: «Ingressando na Republica, é claro».

Quem diz em Portugal conservadores, diz monarchicos; monarchicos militantes ou não, combativos ou não, crystallinos ou amorphos, porém em todo o caso individuos ou classes affectas ao anterior regimen. Ainda hontem o confessava francamente um jornal, que decerto não pôde ser suspeito de querer desvalorisar o activo da Republica—A MANHÁ. «Os conservadores, com raras excepções—escreve aquella folha —são monarchicos». Portanto, «ingresso dos conservadores na Republica» não quer dizer outra coisa senão renuncia dos monarchicos ás opiniões politicas que tem professado e inabalavelmente mantido, e sua adhesão geral ao regimen republicano.

Porquê...

E' se monarchico em Portugal por uma infinidade de razões; para o não ser é que ha pouquissimas, e nenhuma sustentavel.

E' se monarchico pela convicção philosophica da superioridade d'essa forma de governo; é-se monarchico em virtude da lição pratica de sete annos de despotico e vergonhoso regimen republicano, ao fim dos quaes está a Nação desorganizada, arruinada, apoucada, envilecida aos seus proprios olhos e deshonrada aos do mundo; é-se monarchico porque não se crê na viabilidade da Republica nem na capacidade dos seus politicos; é-se monarchico porque se é religioso e se sabe que esta Republica maçonica tem como principal razão de ser a guerra ao catholicismo; é-se monarchico porque se ama as tradições nacionaes, a que jurou guerra o espirito revolucionario, e porque se tem a alma trespassada de mil dôres, filhas dos soffrimentos sem par infligidos á generalidade dos portuguezes pelas hordas de selvagens que, no governo e fóra d'elle, tem mandado nesta boa terra desde 1910 para cá.

Tal é a Republica que tem sido; não se conhece outra.

Promette-nol-a o sr. dr. Sidonio Paes? Ainda quando o actual chefe do governo conseguisse inculcar nos a esperança de nos dar, com caracter de fixidez e de permanencia, uma Republica tão tolerante e morigerada como era a Monarchia, ainda assim não haveria razão para que os monarchicos abandonassem o seu apego ás instituições naturaes do paiz, para lhes preferirem um regimen estranho á nossa indole nacional e ás tradições politicas da Europa, e cada vez mais condemnado pelas modernas correntes de ideias.

Porém, que segurança nos pode dar o sr. dr. Sidonio Paes de que a Republica do futuro venha a ser, duradoiramente, uma coisa diversa da Republica que tem sido até aqui? Com que elementos republicanos, aos quaes nos valesse a pena adherir, conta o valoroso chefe da revolução de dezembro para fundar a sua Republica nova?

Não é, decerto, com os democraticos nem com os evolucionistas, que são precisamente o seu inimigo e encarnam os defeitos e vícios da «Republica velha». Não é com os unionistas, que são bem poucos, e cuja attitudo, se ainda não é hoje de franca opposição ao governo, já é reveladora d'um mal-estar que prenuncia a tempestade proxima. Aos partidos republicanos organizados, que não vêem além nem acima dos seus

interesses facciosos, não agrada nem podia agradar o triumpho definitivo d'um emulo tão temivel e tão brilhante, que poria termo ao predomínio dos chefes e estados-maiores d'aquelles agrupamentos, com os seus costumes politicos, as suas ambições especiaes, as suas pequeninas vaidades e tambem, para muitos, as suas proprias conveniencias de ordem pecuniaria.

Fiar-se-hia o sr. Sidonio Paes d'uma opinião republicana, não arregimentada nos partidos existentes? Para a chamar a si, estendeu s. ex.^a ostensivamente a mão á tentativa «centrista», por intermedio da qual deveriam ir apoiado todos os que, fóra dos outros agrupamentos, quizessem exercer a politica dentro da Republica. O fracasso, já hoje manifesto e insanavel, d'essa tentativa, veio confirmar a opinião, que ainda não ha muito aqui exprimiamos, de que em Portugal não existem em quantidade sensivel republicanos fóra dos três partidos; de que tudo quanto não está nelles é gente que decididamente nada quer com a Republica.

(Conclue no proximo numero).

CULTO EXTERNO

A necessidade do culto externo é uma verdade inconcussa.

Muito embora, já antes, e muito antes, da prodigiosa descoberta da viagem em liteira, creaturas houve, indiscutivelmente racionaes, que fazendo monopolio do amor do proximo, arremetteram furiosas contra os dinheiros gastos no serviço de Deus.

E' que ha gente que esquece frequentemente que tem uma dualidade de substancia constitutiva do seu ser, e embrenha-se em cogitações com a barriga, principio, meio e fim da sua plena felicidade. E aquillo que veem em si, que é a pança e sempre ella, é tal qualmente o que sempre veem no proximo e exclusivamente veem nelle.

Dest'arte o dinheiro está para o pão assim como o pão está para a barriga.

E nesta ordem de ideias, creaturas ha que se embevecem de tal sorte na contemplação deliciosa da rotundidade abdominal que, imaginando poder deglutir o mundo, não cessam na azafama continua de enceleirar só pão para a barriga.

Não se convencerem os entes creados á imagem e semelhança de Deus, que não só de pão vive o homem!

Mas volto a dizer e passo a demonstrar, que já antes, e muito antes, da prodigiosa descoberta da viagem em liteira, creaturas houve, indiscutivelmente racionaes, que fazendo monopolio do amor do proximo, arremetteram furiosas contra os dinheiros gastos no serviço de Deus.

Bergier, que já está na Terra da Verdade ha muitos annos, escreveu: «... ils déplorent la dépense qui se fait pour les spectacles de religion, parce qu'ils instruisent les hommes, les excitent à la vertu, les consolent par l'espérance d'un bonheur à venir. Ils affectent de la compassion pour la misère du peuple; non-seulement ils ne voudraient rien retrancher sur leurs plaisirs pour la soulager, mais ils veulent ôter au peuple le seul moyen qui lui reste de se consoler et de s'encourager dans les temples du Seigneur, par des motifs de religion».

Mas o que vem escripto nas Sagradas Paginas, é mais frisante e expressivo ainda: «De Jerichó se foi Jesus a Bethânia, onde Simão Leproso lhe apparelhou uma refeição. Era Lázaro um dos que estavam á mesa com elle, e Martha servia. Então se chegou a Christo Maria Magdalena com uma li-

bra de perfume de um nardo precioso, e começou a ungrir-lhe os pés, enxugando-lhos com seus cabelos, e toda a casa recendia com o cheiro do perfume.

Então disse Judas Iscariotes: «Para que este desperdicio? Porque não vender este perfume por trescentos dinheiros, e dar o custo aos pobres?» Dizia isto Judas, não que tivesse a peito os pobres, mas por cubicia. Respondeu-lhe Jesus: «Deixae esta mulher, que ella fez uma boa acção, embalsamando já meu corpo para a sepultura. Pobres sempre os tereis convosco, a mim, porém, não me tereis sempre. Em verdade vos digo: em toda a parte do mundo em que se pregar o Evangelho, será sempre lembrada esta acção que ella fez em honra minha.»

«A exemplo de Judas, commenta a Historia Biblica, muita gente considera como desperdicio toda a despesa feita com os ornamentos das Igrejas e esplendor do culto divino. Dizem que melhor fóra empregar taes sommas em nutrir e vestir pobres. Mas Christo Nosso Senhor disse: «Deve-se fazer isto, e não omittir aquillo.»

Foi, pois, Judas, o mais tristemente celebre personagem do mundo, quem teve a primazia de reivindicar para os pobres o dinheiro destinado a glorificar a Deus.

Não haja ninguem nesta boa terra de Guimarães que queira imitar o exemplo nefando do maldito Iscariotes. Quem se sentir tentado a fazê-lo, ponha os olhos no réprobo que no sabado de Alleluia estará dependurado ahí pelas praças e ruas da cidade, e verá como o povo, em unisono clamor de vingança, contemplará com alvoroço, ao Judas traidor, estoirar a peçonhenta barriga e estrugir entre chammias infernaes a frivola mioleira.

Demócrito.

Florinhas no inverno

Florinhas no inverno, é um livro apreciavel que os nossos leitores devem adquirir. Deve-se á penna d'um esclarecido e virtuoso franciscano, muito conhecido nesta cidade.

Do nosso presado collega de Braga «Commercio do Minho» trancrevemos com a devida venia o pequeno mas justo reclame, da penna d'um illustre professor e apreciado collaborador d'aquelle nosso collega, fazendo nossas as palavras do nosso distincto collega do «Commercio do Minho».

Costuma o outono ser, geralmente, bastante inverno e só de largos a largos annos apparece, como este ultimo, um outono mirrado e seco que despe as árvores e não desperta as fontes. Só o Janeiro, declarada e entrada já a quadra de nome inverno, nos ha trazido uns aguaceiros fecundantes.

Mas ainda as trovoadas não fizeram abrir as penhas e ainda as fontes não abastecem assaz os cantarinhos cheios de áncia. Ora num periodo de tam intensa seca, bons dias de frio anormalissimo, nestas primeiras semanas de enxurradas timidias, alto milagre foi apparecerem Florinhas de aroma suave a perfumar as almas singelas.

Se é certo que o ser humano esconde num corpo grácil um espirito gentil; se é sabido que jogam movimentos paralelos a alma sequiosa de verdade e o corpo faminto de pão; se vivemos uma vida fugaz á espera dum viver immortal; bem poderemos irmanar as Florinhas da nossa alma com as rosas que interessam o fulgor das nossas pupilas.

Ocorrem-me estas fugidias notas após a leitura gostosa das Florinhas de S. Francisco que vieram demonstrar ao mercado luso quanto pode o desinteresse dum franciscano conjugado com a honestidade d'uma casa editora.

Dar ao publico um volume de 267 paginas em esplendido papel, com lindas vinhetas, com gravuras originaes, muito cuidado, lindamente impresso, é um prodigio nunca visto na Augusta Braga!

Lindissimo trabalho! Bendito volume! As 40 paginas da Introdução revelam os grandes dotes do investigador

NOTICIARIO

paciente que professa o labor beneditino na sua vida Seráfica...

les engordassem e medrassem,ahi passaram longos e negros dias.

Tenham muitissima paciencia,mas a vida tem d'estas alternativas e tolo é quem não conta com ellas.

Palavras sybillinas Palavras ministeriaes

Dos «Echos do Minho»: Snnr. Feliciano da Costa

Diz que é muito grato ao seu espirito a recepção de tanto carinho feita ao chegar a esta cidade de Braga.

Falla do que é a crise, e porque se diz estamos em crise politica. A crise politica é a crise dos homens.

Houve quem tentasse numa insidiosa visita a Braga, tirar força ao governo. Elle, ministro, vem verificar se Braga nega ou confirma o brilho a quem por direito lhe pertence.

Mas quem, mas quem? Quem tentou tirar a força ao governo? quem foi, quem foi?

Enviar as respostas para a redacção cá da gazeta.

Carteira Elegante

Viscondessa de Nespereira

Faz annos no dia 19 a ex.ª Senhora Viscondessa de Paço de Nespereira, virtuosa esposa do nosso illustre chefe politico no districto e queridissimo amigo snr. Visconde do mesmo titulo.

Não é para nós uma data vulgar o anniversario da illustre titular, pois muitas finezas lhe devemos, consagrando-lhe por isso a maior gratidão.

E' nos pois, gratissimo felicitar Sua Ex.ª, desejando-lhe muitas venturas.

Nascimento

A ex.ª Senhora D. Anna de Lucena e Silva, virtuosa esposa do illustre sub-delegado em Sabrosa e nosso amigo snr. Dr. José Silveira da Silva, deu á luz uma robusta menina, com muita felicidade.

Mãe e filha encontram-se bem: Aos paes da creança e a seus tios os nossos queridos amigos e distinctos professores snrs. Padres José Maria e Anselmo Silva, os nossos parabens.

Com suas interessantes filhas esteve nesta cidade a illustre titular ex.ª Senhora Condessa Corrêa de Bettencourt.

Esteve em Ponte do Lima o nosso querido amigo snr. capitão Abreu de Lima.

Esteve na capital o nosso presado amigo e illustre commandante de cavallaria 11. Braga, snr. major Alberto Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Continua no mesmo estado a ex.ª Senhora D. Beatriz Freitas Ribeiro, gentil filha do nosso querido amigo snr. Antonio de Freitas Ribeiro.

Do front regressa brevemente a Braga, com licença, o nosso sympathico amigo alferes d'engenheiros snr. Dr. Luiz Acciaiuoli de Menezes.

Vae em vias de completa cura, que muito estimamos, o nosso querido amigo snr. alferes João Paulo Sampaio e Mello Mexia (Pombeiro).

Em França esteve doente o nosso presado e sympathico amigo snr. alferes José Guedes Gomes.

E' esperado em Guimarães, vindo do front, o nosso estimado conterraneo snr. tenente Francisco Martins Fernandes.

Continua muito doente o nosso amigo snr. Antonio Xavier Brederode Guimarães.

De Villa Nova de Sande, para a sua casa de Basteo, partiu ha dias com sua ex.ª familia o nosso amigo e assignante snr. Antonio M. Borges d'Araujo.

Escola Academica

Na Escola Academica, magnifico estabelecimento de educação e ensino dirigido superiormente pelo nosso presado amigo Snnr. Padre José Maria da Silva...

Num elegante theatrinho, bellamente adornado e improvisado numa das salas de estudo daquella casa de educação, passaram-se duas noites bem, ouvindo-se aquella radiosa mocidade, cheia de vida, que interpretou com geral agrado cada um dos papeis que judiciosamente lhes foram distribuidos.

Em geral podemos dizer que a direcção foi feliz. Os rapazes sahiram-se bem e alguns d'elles apresentaram-se bellamente, sabendo plenamente satisfeitos as pessoas que alli assistiram e pena foi que fosse tão restricta a assembleia, em virtude do limitado espaço da sala.

Vamos procurar dar ideia do que ahi se passou durante os dois dias de Carnaval que devem ficar gravados na memoria da rapaziada que se acolheu aquella excellente casa de educação.

Uma decoração simples, mas artisticamente delineada fazia logo despertar em cada um uma sensação de satisfação e bem-estar, a que a alegria dos rapazes communicava uma parcella bem grande de animação.

Depois da 8 1/2 uma pequena orquestra formada de alumnos e alguns amadores rompeu com um pizzicato que sahiu bem.

Levantou-se o pano e appareceu em scena a comedia «Os dois gallegos politicos», bem desempenhada pelos alumnos Isaías e David Paiva.

O pequenito Jayme Soares disse com muito brilho, naturalidade e sangue frio o monologo «Lulu de castigo», sendo muito applaudido e visado.

O Antonito Queiroz cantou «Sempre a chorar» cançoneta para rapaz.

«Os progressos da sciencia» é um lindo monologo que foi desempenhado por Antonio Sarmiento. Andou regularmente da lua até cá baixo.

José Tenreiro deu-nos um bom «rato do Colégio». Soube bem o que disse, com expressão e graça.

Os alumnos Guilherme Faria recitou os «Soldados», Francisco Sá e Mello, o «The Virginis Image», Belmiro Jordão, «O Bicho da seda», Fernando Mourão, «La priere du soldat, Alves Machado, «O macaco vestido».

Terminou pela comedia «O actor e seus visinhos» que foi bem apresentada por Fausto Mourão, Armando Ribeiro, Eduardo Botelho, David Paiva, Manuel de Azevedo, A. Mello e E. Guimarães.

Nos intervallos o Rev.º Padre Themudo, abade de Infantas executou magistralmente, ao piano, um grande repertório de variadissimas peças de difficil execução. E' um grande pianista, que nin-

guem conhece. O senhor Padre Paulo brilhou em solos de violino.

Armando Ribeiro cantou muito bem a canção «Alleluia».

O espectáculo terminou ás 11 1/2 no meio da maior satisfação da rapaziada que recebera os visitantes á porta da rua e lançando as capas para sobre ellas passarem.

Se o 1.º dia satisfez o dia de Carnaval não foi menos feliz.

A comedia «Quem paga a conta» foi regularmente representada pelos alumnos Gregorio Aguiam, Francisco Vasconcellos, Adriano Gomes e João Queiroz.

Luiz Breyner (Margaride) disse muito bem o monologo «Vou-me desquitar» sendo visado e muito applaudido. Armando Ribeiro cantou a canção «A chuva», hoje com a voz um pouco mais velada e com um bocadinho de exagêro. Cantou bem, mas não deve abusar.

José da Costa (Lago) apresentou-se muito bem vestido, regularmente descarado n.º «O Fiasco». Andou bem.

João Queiroz cantou com voz timbrada e clara a linda cançoneta «O Sineiro».

A pedido foram repetidos o monologo «Lulu de castigo» e o «Rato».

O espectáculo terminou com a comedia «Para as eleições», executada por João Soares, Antonio Faria e Armando Ribeiro. João Soares deu-nos um regedor de mão cheia. Não podia interpretar melhor o papel de regedor da aldeia. Todos muito bem.

Os meninos Mario Mendes Guimarães, José Tenreiro, Fernando Jordão, Alvaro Areias, Carlos Amaral, recitaram respectivamente as poesias «O estudante paroloso», «A mãe», «La petite fleur», «soldado» e «Remembrances».

Francisco Sá e Mello recitou o monologo em latim de Pedro Pinto.

Era quasi meia noite quando tudo terminou por entre os risos e franca alegria dos rapazes que estavam realmente satisfeitos e satisfizeram a quem os ouviu.

Não ha nada como a mocidade!!

Em ambas as noites usou da palavra o douto e esclarecido professor do Lyceu snr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, que, no meio de grandes e justos applausos, proferiu palavras adequadas ao Carnaval, desenvolvendo theses reveladoras de profundos conhecimentos.

Sacudindo a agua do capote...

O snr. de Madureira — ex-leal subdito do Senhor Dom Miguel — não gostou que o respeitavel publico dissesse que elle fazia gancho na questão do milho quando, por desgraça nossa, o tivemos de aturar como administrador d'este concelho. E, como não gostou, deitou epistola na imprensa local, «Vimaranense» e «Commercio de Guimarães» desafiando todo aquelle que se atrevesse a provar a sua culpabilidade na negociata do milho.

Que bella occasião perdeu o snr. Cayres de estar callado! Não vê v. senhorie que aquelles que, por ventura, tivessem entrado na manigancia eram reus do mesmo crime?

Olhe que não é preciso ser muito esperto para vêr isto...

Conferencias

Nos templos de Santos Passos e S. Francisco, realisam-se conferencias gostesmas, sendo á sexta-feira no primeiro templo e ao domingo no segundo.

São estes actos concorridissimos pelos vimaranenses, o que é para desejar, pois taes conferencias são precisas e utilisimas para a effusão da Doutrina da Egreja.

Orpheon dos Empregados de Comercio do Porto

E' hoje que este Orpheon visita Guimarães, realizando pelas 8 1/2 da noite um espectáculo no Theatro D. Affonso Henriques.

Os orpheonistas chegam no comboyo das 11.30, sendo recebidos na estação pelo Orpheon de Guimarães. A sociedade dos Empregados do Commercio e por varias collectividades convidadas.

Organisar-se-ha o cortejo, que seguirá pela Avenida nova, Toural, rua da Rainha até aos Paços do concelho, onde, por amavel deferença do ex.º Presidente da Camara, serão dadas as boas vindas aos orpheonistas do Porto.

A noite, no Theatro D. Affonso Henriques, espectáculo, cujo programma é o seguinte:

Apresentação do Orpheon dos Empregados do Commercio do Porto, pelo snr. Padre Maya dos Santos.

1.º Cantos populares, rapsodia n.º 1, de H. Salgado. Maestoso (coral) de Beethoven. Fausto, coro dos soldados, de Gounod. O Moynho, de A. Parlou.

2.º Tio padre, comedia em 3 actos.

3.º Si j'etais roi, de Adam. Navio phantasma, de Wagner. No bivaque, de José Nunes. Cantos populares, rapsodia n.º 2, de H. Salgado.

A banda de Infantaria 20 abrihantará gentilmente o espectáculo.

Orpheon de Guimarães,

Acaba de ser convidado para executar a parte musical d'uma grande festa, na magestosa egreja de S. Domingos, em Lisboa, no dia 14 de Abril proximo, o nosso Orpheon.

Tal convite, que honra o nosso grupo coral, não poude ser accete por falta de tempo, para uma devida preparação.

Quarenta Horas

Com a solemnidade costumada realisou-se na parochial de S. Paio a solemnidade chamada das Quarenta Horas, tendo sido pregador o nosso querido amigo, illustre e apreciadissimo collaborador snr. Abbade Paulino Affonso.

De lucto

Pelo fallecimento de seu irmão snr. Miguel Pinheiro occorrido ultimamente nesta cidade, encontra-se de lucto o nosso presado amigo e digno presidente da Associação Commercial snr. José Pinheiro, a quem apresentamos os nossos sentimentos.

Fallecimento

Em avançada idade falleceu a ex.ª senhora D. Maria Emilia do Amaral Ferreira, aparentada com algumas familias muito estimadas nesta cidade.

A veneranda extincta era uma Senhora muito respeitavel e virtuosa motivo porque foi sentida a sua morte.

O seu funeral foi concorrido, tendo a assistencia de muitas pessoas da sociedade vimaranense.

A estimada familia anojada, especializando sua filha e netos, enviamos os nossos cumprimentos.

A' Caridade

Recommendamos á caridade dos corações bem formados um infeliz trabalhador que se acha rodeado de mulher e cinco filhos menores, e sem meios para prover ás suas mais urgentes necessidades.

Chama-se Manuel Felix e reside na rua de S. Damaso, n.º 161, 3.º andar, onde pode ser entregue qualquer obolo.

Para informações, podem dirigir-se á typographia em que se imprime este jornal.

PIOS

O Progresso Greves

Os carroceiros de Lisboa tambem pensam em declarar-se em greve por não ser attendido o seu pedido de augmento de salario.

Os carroceiros pediram mais 50 sobre os seus salarios, ficando a ganhar 1780 e os que fazem serviço com as carroças pequenas, 1750. Pedem tambem que se os proprietarios aumentarem os fretes lhe deem 10 p. c. sobre esse augmento.

Depois d'isto, só resta aos estimaveis carroceiros exigir que os patrões vão fazer os fretes, ficando elles a catar as pulgas, ao sol.

Recortamos de «O Dia»:

Os dissabores do sr. Bernardino

Diz o nosso presado correspondente de Moncarapacho:

Tivemos ante-hontem o prazer de abraçar o nosso presadissimo amigo sr. alferes João dos Santos Caboz, chegado ha poucos dias do front, d'onde veio com licença de 15 dias. Perguntámos-lhe se tinha por lá visto o ex-presidente Bernardino; disse-nos que, numa avenida em Paris, o viu dirigir-se ás tropas portuguezas fazendo-lhes a continencia, mas que estas lhe voltaram as costas.

Ossos do officio...

Ossos do officio e pegado azar; se em logar de o snr. Bombardino se esbarrar com a tropa, se esbarrasse com um batalhão de franciscanos, não precisaria S. Ex.ª de se escagarrinhar em cumprimentos para elles lhe apresentarem armas, apesar de S. Ex.ª não estar em muito boas relações com elles.

Ah! os franciscanos não são rancorosos, não!

Candidas creaturas

Presos politicos

Uma declaração

Podem-nos a publicação da declaração seguinte, enviada pelos presos politicos que se encontram na Penitenciaría de Lisboa:

«Tendo terminado hoje o novo periodo de absoluta incomunicabilidade, em que fomos conservados durante oito dias, sem nos ser permitido sequer saber se eram vivas as nossas familias, lêmos nos jornaes que o sr. ministro do interior, interrogado sobre a situação dos presos politicos, declarou que ella dependia d'elles mesmos, dando a perceber que dentro das proprias prisões continuavam conspirando contra o governo.

Pela parte que nos toca, declaramos que é absolutamente falta de base aqella affirmação; e tanto que, oito dias de incomunicabilidade sobre mais de cincoenta de prisão, numa Penitenciaría, não foram ainda sufficientes para sermos arguidos e ouvidos sobre qualquer accusação.

Pode, sem duvida, proceder o governo com homens que conserva nesta situação como queira, e imputar-lhes o que deseje; a verdade, porém, é que estamos presos sem sequer nos poderem arguir de ter começado, quando mais continuado a conspirar e que—facto até agora nunca visto—só nos prenderam por devotadamente servir a Republica dentro da lei e ao lado do governo legitimamente constituido. De resto, quem nos ha de julgar a todos não é o governo: é o paiz. Penitenciaría de Lisboa, 9 de fevereiro de 1918. —(ss) Rodrigo Rodrigues, Artur Costa, tenente-coronel Almeida Santos, capitão Arruda, tenente Pizarra, Daniel Rodrigues, Carlos Simões Torres, França Borges.»

Basta vêr os nomes que assignam a petição para se ficar logo com a impressão de que está ahi um bando de innocentes.

Nós sabemos, coitados, o que os incommoda: é talvez o echo que ainda retumbará por aquellas sinistras galerias, da voz de tantos desgraçados que, para que el-

Sociedade Martins Sarmiento

E' convocada a Assembleia Geral d'esta Sociedade a reunir-se na sua sede, no dia 8 de Março proximo, pelas 6 horas da tarde, para se dar cumprimento ao art.º 9.º do seu Estatuto, que trata da eleição.

Não concorrendo numero legal de socios, realizar-se-ha a segunda reunião no dia 15, immediato, á mesma hora.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1918.

O presidente,

Padre Gaspar Roriz.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães:

Faz publico que, desde o dia 1 do proximo mez de Março, está aberto o cofre municipal para a cobrança voluntaria das contribuições directas municipaes do corrente anno de 1918—predial, industrial, sumptuaria, juros sobre capitais mutuados e vencimentos de empregados.

As collectas sobre as contribuições predial, industrial e sumptuaria, podem ser pagas em prestações e as restantes por uma só vez.

Cobrança voluntaria

Primeira prestação em todo o mez de Março.

Segunda prestação em todo o mez de Abril.

Terceira prestação em todo o mez de Julho.

Quarta prestação em todo o mez de Outubro.

Depois de encerrado o cofre pagarão mais os juros de mora, nos termos do art.º 65 da Lei de 23 de Junho de 1916, calculado sobre a importância das prestações em divida, até integral pagamento, procedendo-se ao relaxe nos termos do art.º 51 da citada Lei.

E para conhecimento de todos os contribuintes se publica o presente edital nos lugares mais publicos, em todas as freguezias do concelho, e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, 15 de Fevereiro de 1918. E eu *José Maria Gomes Alves*, Chefe da Secretaria o subscrevi.

O presidente,

João Rocha dos Santos.

Annuncio

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

No dia 24 de fevereiro corrente, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Rua do Gravador Molinarinho, d'esta cidade, e

por deliberação do conselho de familia e interessados, no inventario de menores, a que se procede por obito de Luiz Martins de Queiroz, solteiro e morador, que foi, nesta dita cidade, serão postos em praça os predios abaixo mencionados, os quaes vão todos á praça em conjuncto, pelo preço de oito mil e quinhentos escudos, sendo entregues a quem mais offerecer acima do dito preço, ficando a cargo do arrematante toda a contribuição de registo e as despesas legaes, a saber:—Casal denominado do Souto, sito na freguezia de S. Thomé de Caldellas, d'esta comarca, o qual se compõe das seguintes glebas—o Assento do casal que consta de casas sobradadas, cortes e bar, ras, colmaças, alpendre telhado, eira ladrilhada-casas terreas e telhadas para lagar, quinteiro com ramada e o Campo da Eira, terra lavradia, com arvores de vinho, fructa e hortas, tendo uma poça ao nascente. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.109, a folhas 68, do livro B-95.—Campo denominado de Traz da Lama, terra lavradia, com arvores de vinho. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.110.

—Campo denominado do Paulo, terra lavradia com arvores de vinho, atravessado ao nascente e sul por atalhos, que vão para a Igreja. Acha-se descrito na Conservatoria, a folhas 69 do mesmo livro, sob numero 34.111. —Campo denominado do Prado do Ribeiro, terra lavradia com arvores de vinho. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.112, a folhas 69 v. do mesmo livro. —Campo denominado da Cavada ou Sub-Egrejas, terra lavradia com arvores de vinho. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.113, a folhas 70 do mesmo livro. —Campo denominado do Prado do Penedo, terra lavradia com arvores de vinho. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.114, a folhas 70 v. do mesmo livro. —Campo denominado da Esmoutada de Baixo, terra lavradia com arvores de vinho. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.115, a folhas 71 do mesmo livro. —Campo denominado da Esmoutada de Cima, terra lavradia com arvores de vinho, e de mato com carvalhos. Está descrito na Conservatoria sob numero 34.116, a folhas 71 v. do mesmo livro. —Terreno inculto com uma poça e terreno de mato com carvalhos e arvores de vinho, atravessado por

caminho publico. Está descrito na conservatoria sob numero 34.117, a folhas 72 do mesmo livro. —Leira denominada da Veiga, terra lavradia e de mato com carvalhos novos. Está descrita na Conservatoria sob numero 34.118, a folha 72 v. do mesmo livro. —Bouça denominada do Souto, terreno de mato. —E metade da Bouça denominada de Gandra, ou da Capitôa, terra de mato com pinheiros, circuitada por paredes e situada na freguezia de Santo Estevão de Briteiros, d'esta comarca. Neste mencionado inventario é cabeça de casal Maria Mendes, solteira, maior, residente na cidade do Porto. Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 2 de fevereiro de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão,

Manuel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.

Editos de 30 dias

(2.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão do primeiro officio, correm editos de trinta dias que se começarão a contar da ultima publicação do presente annuncio, citando os interessados Antonio Ferreira, solteiro, maior, Bernardino Lopes da Cunha, casado, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil e Antonio da Costa Machado, casado, ausente em parte incerta na Inglaterra, para fallarem e assistirem a todos os termos até final do inventario a que se procede por fallecimento de seus paes e sogros Delfina de Moraes e marido José Ferreira, moradores que foram no lugar de Santa Luzia, freguezia de Santa Maria d'Ai-rão, da dita comarca, e no qual é inventariante Domingos Ferreira, filho dos inventariados, morador no mesmo lugar e freguezia, isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 21 de janeiro de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão do 1.º officio,

Armando da Costa Nogueira.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 27 do corrente mez de Fevereiro, pelas 14 horas, nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta publica a obra de reparação e melhoramento do edificio escolar da freguezia de S. Salvador de Briteiros, sob a base de licitação de 62\$50.

As condições estão patentes na Secretaria da Camara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de equal theor, que vão ser affixados nos logares mais publicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 5 de Fevereiro de 1918. E eu *José Maria Gomes Alves*, Chefe da Secretaria da Camara o subscrevi.

O Presidente da Comissão,

João Rocha dos Santos.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 27 do corrente mez de Fevereiro, pelas 14 horas, nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta publica a obra de reparação e melhoramento da estrada Municipal de Silvares a Villa Nova de Sande, parte comprehendida entre a estrada Nacional n.º 31 e o Ribeiro da Cêrca (perfis n.º 1 a 33) na extensão de 420,00 sob a base de licitação de 340\$00 escudos.

As condições estão patentes na Secretaria da Camara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de equal theor, que vão ser affixados nos logares mais publicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 5 de Fevereiro de 1918. E eu *José Maria Gomes Alves*, Chefe da Secretaria da Camara o subscrevi.

O Presidente da Comissão,

João Rocha dos Santos.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz publico que se acha a concurso pelo prazo de vinte dias, a contar da publicação d'este, o lugar vago de servente das Escolas Centraes do sexo feminino de Guimarães, mediante o vencimento annual de oitenta e quatro escudos pago em duodecimos.

As condições acham-se patentes na secretaria da Camara Municipal para exame dos interessados, em todos os dias uteis desde as onze horas ás quinze.

E para constar se publica o presente e outros de equal theor nos logares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria da Camara Municipal, 6 de Fevereiro de 1918. E eu *José Maria Gomes Alves*, Chefe da Secretaria o subscrevi.

O Presidente,

João Rocha dos Santos.

10 folhas de zinco

Vendem-se. Para tratar com João Pacheco. Rua de S. Torquato.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros committidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias de Barcellos.

A venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.